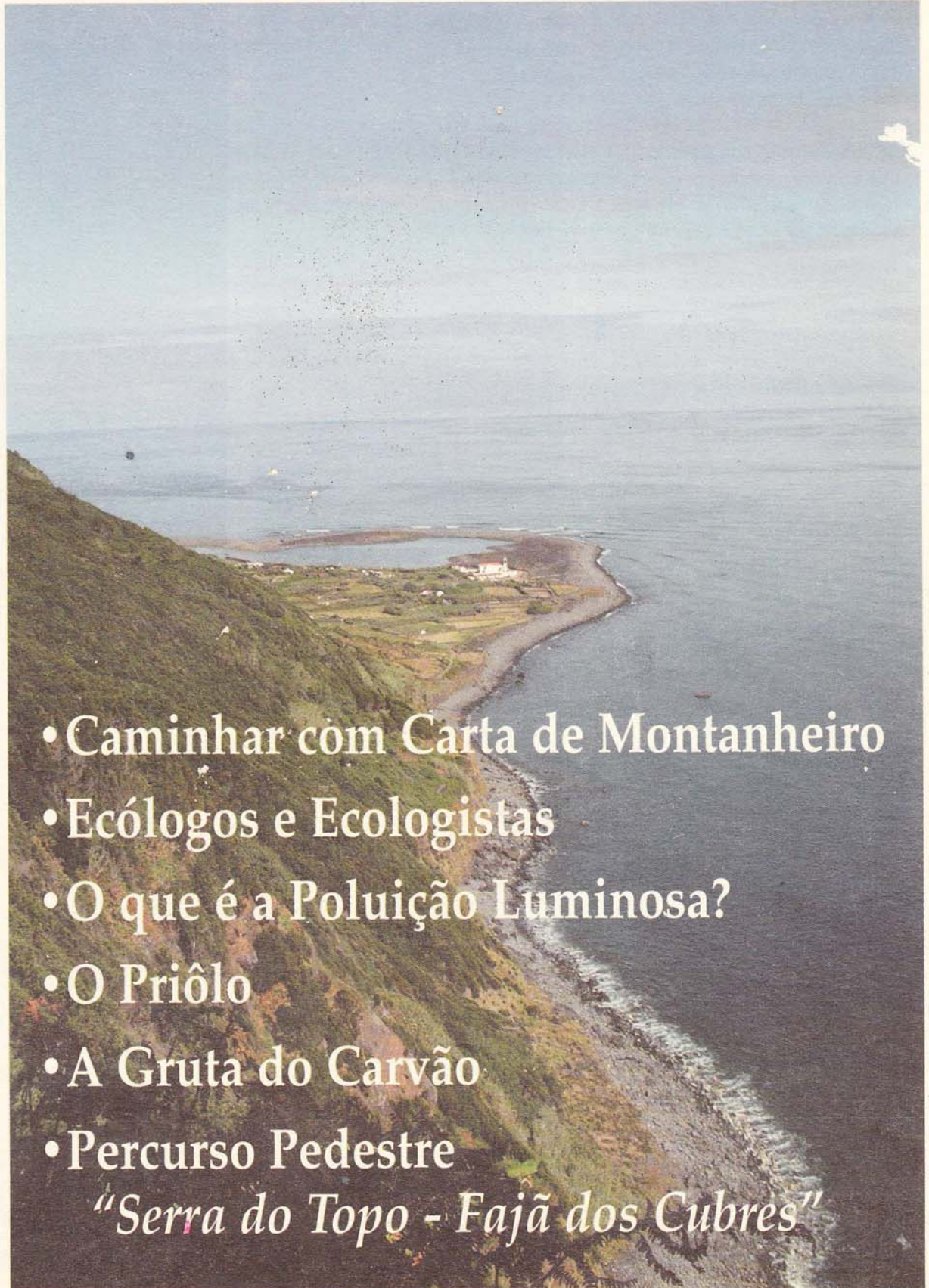


V i d á l i a

Boletim da Associação Ecológica Amigos dos Açores

nº 18

2002



- Caminhar com Carta de Montanheiro
- Ecólogos e Ecologistas
- O que é a Poluição Luminosa?
- O Priôlo
- A Gruta do Carvão
- Percurso Pedestre
“Serra do Topo - Fajã dos Cubres”

Sumário

Editorial – 3

Pedestrianismo
e Percursos Pedestres – 4

Ecólogos e Ecologistas – 5

O que é a Poluição Luminosa? – 7

O Priôlo – 9

A Gruta do Carvão – 11

Serra do Topo -
Fajã de Santo Cristo -
Fajã dos Cubres (São Jorge) – 13

Percorso Pedestre
ao Pico da Vara – 15

Percorso Pedestre
"Sete Cidades — Mosteiros" – 16

Percursos Pedestres, Nicho
Importante do Turismo
na Madeira – 17

Publicações e Materiais
para Venda – 18

Novos Sócios – 19

Humor Verde – 20

www.virtualazores.com/amigosdosacores
e-mail: mop88258@mail.telepac.pt

Tel./Fax 296498770

Órgãos Sociais

Assembleia Geral

Presidente

João Nunes

Vice Presidente

Luís Guimarães

Secretário

Luís Silva

Suplentes

Maria do Carmo Moreira

Paulo Santos

Conselho Fiscal

Presidente

Paula Cristina Santos

Secretário

Vasco Botelho

Vogal

Eduardo Santos

Suplentes

George Hayes

Gerbrand Michielsen

Direcção

Presidente

Teófilo Braga

Secretário

Francisco Botelho

Tesoureiro

Mário Furtado

Vogais

Manuela Livro

Lúcia Ventura

Suplentes

Gilberto Cardoso

Maria Antónia Guedes

Sede Social

Está instalada no edifício da

Junta de Freguesia do Pico

da Pedra, Avenida da Paz, 14

Ali se encontram todas as

publicações editadas e uma

biblioteca especializada na

temática ambiental.

Os interessados poderão

visita-la todos os dias úteis das

9h às 12h e das 13h às 17h.

Aconselha-se a marcação da visita.

Contacto: Carla Medeiros,

Tel./Fax 296498770

Vidália

Boletim da Associação
Ecológica Amigos dos
Açores

Distribuição gratuita
entre os sócios

Os artigos são da responsabilidade dos autores e não representam obrigatoriamente a posição oficial da Associação.

É permitida a reprodução e transcrição, desde que citada a fonte e o autor

Apoio

Direcção Regional do Ambiente

Impressão

EGA

Empresa Gráfica Açoreana, Lda.

Caminhar com carta de Montanheiro

A Associação Amigos dos Açores, no âmbito do seu projecto “Conhecer Para Proteger, tem promovido no decurso dos últimos dezassete anos a realização de percursos pedestres mensais como forma privilegiada de contacto com a natureza”. Esta actividade constitui, por um lado, um instrumento de educação ambiental e de ocupação de tempos livres e, por outro, apresenta-se como um veículo primordial de promoção do património natural e cultural açoriano.

Além do referido, vários estudos confirmam que as caminhadas são benéficas para a saúde, apresentando diversas vantagens físicas e mentais. Com efeito, caminhar ajuda a queimar gorduras, alivia o stress, reduz o colesterol no sangue, fortalece e tonifica os músculos das pernas, coxas e ancas, fortalece os ossos, melhora a postura e alivia as dores nas costas, ajuda a atenuar estados depressivos e aumenta a auto-estima, etc.

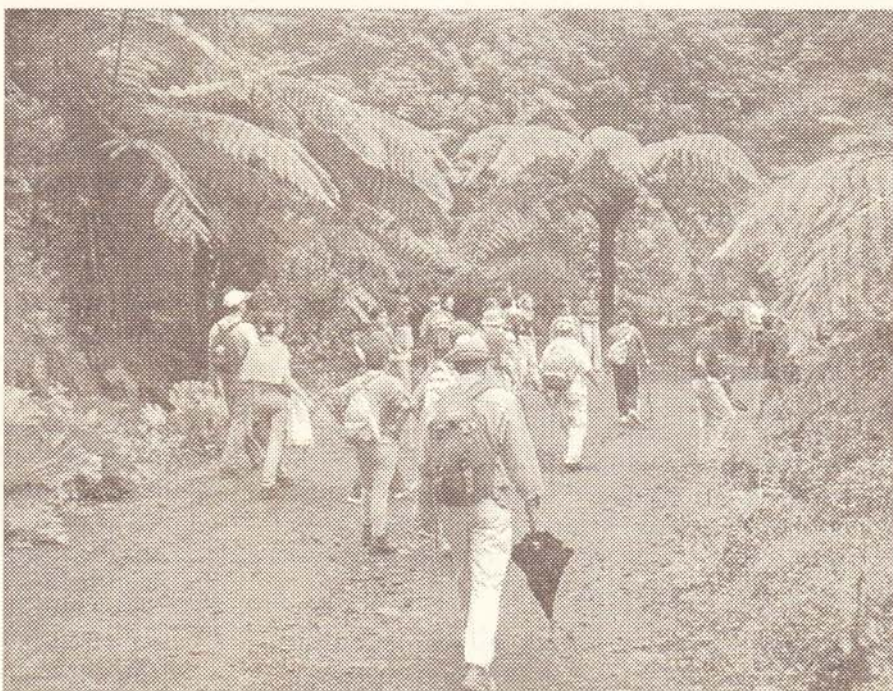
Para além das actividades mencionadas, a associação, com o apoio de diversas entidades governamentais regionais e nacionais, autarquias e empresas, tem editado um conjunto de roteiros de percurso pedestres e promovido a prática do pedestrianismo junto dos mais jovens, através do projecto anual “Caminhar Para Melhor Conhecer e Proteger”, que tem contado com o apoio da Direcção Regional da Juventude.

A fim de ilibar os Amigos dos Açores e os organizadores do Projecto Conhecer para Proteger de qualquer responsabilidade em caso de acidente que possa ocorrer nos passeios, em reunião realizada no passado dia 23 de Fevereiro de 2002, a Assembleia Geral deliberou que durante o corrente ano fosse feita uma campanha para que os habituais partici-

pantes nos passeios pedestres sejam titulares de uma Carta de Montanheiro, ficando cobertos com o seguro que aquela lhes confere e que no próximo ano, só poderão participar nos passeios pedestres os titulares daquela carta ou quem provar possuir um seguro que cubra os acidentes que possam ocorrer durante o corrente ano fosse feita uma campanha para que os habituais participantes nos passeios pedestres sejam titulares de uma Carta de Montanheiro, ficando cobertos com o seguro que aquela lhes confere.

Para além, do seguro de acidentes pessoais, a carta de montanheiro confere ao seu titular, entre outras, as seguintes vantagens:

- Seguro Fidelidade com descontos na ordem de 25% sobre os prémios de eventuais seguros existentes em qualquer seguradora em vários ramos;
- Permite o acesso aos Centros de Medicina Desportiva em condições vantajosas;
- Permite o acesso a 51 Refúgios de Montanha espanhóis;
- Permite o acesso com descontos em 43 Parques de Campismo de Portugal;
- Permite a concessão de descontos na aquisição de material de montanha em algumas lojas do mercado.



Passeio Pedestre

Pedestrianismo e Percursos Pedestres

Delegação de Competências

GENERALIDADES

Decorrente da Lei de Bases do Sistema Desportivo (Lei 1/90) e do Regime Jurídico das Federações Desportivas (D.Lei 144/93) é à Federação Portuguesa de Campismo que compete, no âmbito do pedestrianismo, entre outros, o seguinte:

- Promover e divulgar a sua prática.
- Fazer o registo de todos os percursos pedestres, atribuir-lhe numeração e homologá-los de acordo com as "Normas". a)

De acordo com a Lei, as competências das Federações de Utilidade Pública Desportiva abrangem todo o território nacional.

No entanto e dadas as particularidades dos territórios insulares, especialmente o dos Açores, não é fácil, dada a sua distância, atingir os objectivos a que a Federação Portuguesa de Campismo se propõe e que são os seguintes:

- Dinamizar e promover a modalidade junto das escolas do ensino oficial, de associações juvenis e de associações promotoras de desporto para todos...
- Dinamizar e promover o pedestrianismo junto da população em geral, especialmente a dos grandes espaços urbanos...
- Promover a implantação de percursos pedestres (os "estádios" para a prática pedestrianista) seguindo parâmetros de uniformização nacional e internacional...
- Proceder ao seu registo e posterior homologação...

Na Região Autónoma dos Açores há associadas na FPC que estão em melhores condições de implementarem planos de desenvolvimento que conduzam mais rapidamente aos objectivos atrás referidos, associados das quais se destaca a associada **Amigos dos Açores – Associação Ecológica** pelo seu meritoso trabalho na promoção do pedestrianismo, pela edição de roteiros, pela implantação de percursos pedestres e pela promoção da formação ambiental e de defesa do meio Ambiente.

Nestes termos, a Federação Portuguesa de Campismo (FPC) e a associada Amigos dos

Açores – Associação Ecológica (AA-AE), através dos seus presidentes, acordam na seguinte

DELEGAÇÃO DE COMPETÊNCIAS

No âmbito do pedestrianismo e para toda a região Autónoma dos Açores a FPC delega na AA-AE as seguintes competências:

1ª. – Promover e divulgar a prática da modalidade.

2ª. – Fazer o registo de todos os percursos pedestres, atribuir-lhe a numeração e homologá-los de acordo com os requisitos pré-estabelecidos e que constam das "Normas".

Para cumprir estes objectivos, a AEAA compromete-se a criar um **Registo Regional de Percursos Pedestres**, ao qual deverá aplicar os princípios insertos nas "Normas".

A AA-AE compromete-se, a fazer a entrega de cópia do arquivo do Registo Regional de Percursos Pedestres à Federação e a mantê-lo actualizado.

O acordo terá a validade de quatro anos, renováveis por igual período, se não for denunciado, por qualquer das partes, com a antecedência mínima de 120 dias do termo do respectivo período.

Se a associada Amigos dos Açores – Associação Ecológica deixar de ser membro associado da Federação Portuguesa de Campismo, este acordo cessa na mesma data.

A verificar-se qualquer das situações referidas nos dois parágrafos anteriores a AA-AE deverá entregar à Federação toda a documentação existente.

a) As "Normas" referidas são as constantes da publicação editada pelo Ministério da Juventude e do Desporto através do Centro de Estudos e Formação Desportiva, sob o título "Percursos Pedestres – Normas para implantação e marcação", depósito legal 163342/01, ISBN 972-8460-23-6 e cujos conteúdos são os mesmos da publicação editada pela FPC em 2000 sob o mesmo título.

Ecólogos e Ecologistas *

Raimundo Quintal **

Há sete anos, quando travava uma dura batalha contra cabreiros e aceleras, visando a efectiva implantação do Parque Ecológico do Funchal como espaço de conservação da Natureza, de educação ambiental e de lazer para uma população urbana carente de áreas de recreio devidamente equipadas, apercebi-me que pelas costas era criticado por especialistas em ciências da natureza e da intriga. Ora tentavam minar dentro do partido a que pertencia a maioria que geria a Câmara, ora instigavam os membros da oposição que, perante as informações secretas de quem alegava não poder dar a cara, zurrizaram meses a fio sobre a orientação científica das acções que estavam a ser desenvolvidas no terreno. Lembro-me, mesmo, que na falta de outros argumentos, a dada altura fui veementemente criticado pelo facto de não ser “um verdadeiro biólogo” e apelidado de “ecologista fundamentalista”.

Como palavras sem actos são como tiros de pólvora seca, fazem ruído mas não ferem, continuei pelo trilho que tinha escolhido até ao fim do percurso que achei por bem terminar depois duma caminhada de oito anos. Sem ressentimentos e enriquecido humanamente, abandonei a Câmara do Funchal pela porta da frente.

Liberto dum cargo que me absorveu todo o tempo, retornei a fazer aquilo que mais gosto: investigar a flora madeirense e a vegetação dos parques, quintas e jardins; escrever; leccionar; trabalhar voluntariamente numa associação ecologista.

A Associação dos Amigos do Parque Ecológico do Funchal, mensalmente, junta largas dezenas de jovens e menos jovens, que de livre e espontânea vontade, travam um combate contra a desertificação e a erosão das terras mais altas do concelho. A grande adesão às acções de plantação de espécies da flora madeirense e aos percursos de descoberta da Natureza desmente categoricamente certos



Câmara Municipal do Funchal

entes, que passam a vida a denegrir as associações de defesa do ambiente, acusando-as de falta de capacidade mobilizadora. Para que as coisas sejam devidamente orientadas e bem executadas até tem havido limite de inscrições!

Há mais de 25 anos que o coração e a razão me impeliram para o movimento ecologista. Tenho consciência que cometemos alguns erros e que nem sempre a estratégia adoptada foi a melhor. Mas feito o balanço da já longa batalha em prol da conservação dos ecossistemas e do património cultural destas ilhas, o saldo é francamente positivo.

Continua →

Enquanto as associações ecologistas, com as suas virtudes e fraquezas, se têm batido por causas que entendem ser as mais justas, certos indivíduos, que se intitulam de ecólogos e recusam confundir-se com os curiosos ecologistas, foram ganhando a vidinha, elaborando estudos de impacte ambiental à medida das necessidades das entidades promotoras ou açambarcando projectos de investigação de duvidoso interesse estratégico para a Região.

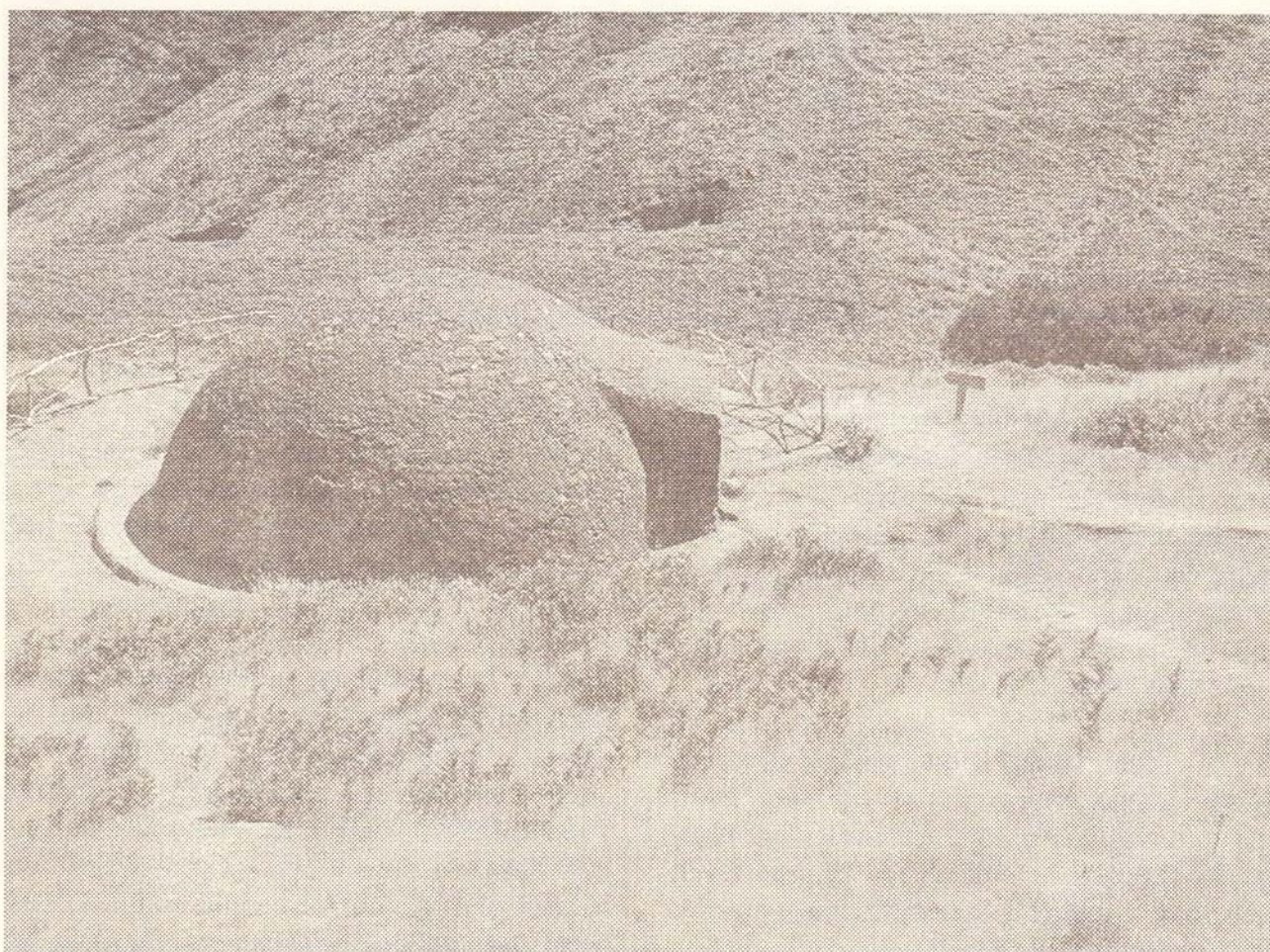
São mais que muitos os exemplos, que provam a importância da acção preventiva das associações ecologistas e a ineficácia de certos ecólogos, mas porque o espaço disponível é escasso apenas relembro o caso paradigmático do estudo de impacte ambiental da obra de ampliação do aeroporto. O documento pretensamente científico, elaborado por uma vasta equipa de especialistas, que integrava algumas personagens regionais, pura e simplesmente ignorou a existência do rico conjunto vegetal da Quinta da Boa Viagem. As manifestações públicas e a contestação técnica

por parte da Associação de Ecologia “Barbusano” provocaram a realização do inventário do património vegetal e a consequente alteração do estudo de impacte ambiental. Não fora a combatividade e a vigilância dum grupo de amantes da natureza e as árvores, que integram a bela mancha verde a norte da estrada Santa Cruz – Machico, teriam tido o mesmo destino do jacarandá da Ponte de Pau e todo aquele espaço estaria integrado no estacionamento de automóveis.

Ao contrário do que tentam fazer crer alguns “cristãos novos”, não são as associações ecologistas que emperram o desenvolvimento sustentado da Madeira. As causas devem ser procuradas no liberalismo chupista!

* texto Publicado no Diário de Notícias – Madeira, a 27 de Abril de 2002

** Presidente da Direcção da Associação dos Amigos do Parque Ecológico do Funchal



Poço de Neve — Parque Ecológico do Funchal

O que é a Poluição Luminosa? *

Roberto F. Silvestre **

A poluição luminosa pode ser definida como sendo qualquer efeito adverso causado ao ambiente pela luz artificial excessiva ou mal direccionada.

Um desses efeitos, que prejudica ou mesmo impossibilita totalmente o trabalho dos astrónomos, é o fulgor do céu nocturno, percebido principalmente sobre as cidades, mas não se limitando a essas áreas, já que a interferência que algumas aglomerações urbanas causam pode ser notada a centenas de quilómetros de distância. E não há quem não tenha percebido a diferença entre o aspecto do céu nocturno urbano e o daquele que se pode ver a partir de regiões afastadas, ainda primitivas, sem iluminação artificial.

Mas antes que o leitor comece a imaginar que os astrónomos querem apagar todas as lâmpadas das cidades, deixando tudo e todos na mais completa escuridão durante a noite, para que possam ver as estrelas, é bom saber que a principal causa da poluição luminosa é o desperdício de luz. Portanto, reduzir os seus efeitos negativos significa economizar luz, energia eléctrica e muitos bilhões de dólares por ano em todo o mundo. Assim, não precisamos de apagar a cidade, mas fazer com que a iluminemos correctamente, enviando luz apenas para as áreas que queremos ver.

Fazendo um levantamento da iluminação artificial nocturna nas nossas cidades,

podemos perceber facilmente o enorme desperdício de luz causado por lâmpadas que lançam grande parte de sua luz para cima, paralelamente ao solo ou para além da área útil. São os postes da iluminação das ruas, os das praças, em forma de globo esférico, os reflectores dos campos desportivos, estacionamentos, canteiros de obras, clubes, aeroportos, etc. Se cada



dispositivo de iluminação fosse criado com o cuidado de aproveitar toda a luz gerada, dirigindo-a para baixo, os níveis de poluição luminosa cairiam mais de 80 por cento.

Poupar energia é importante para o País, mas, se a população vai contribuir com a sua quota de sacrifício, ela também espera ver mais competência técnica nos projectos das iluminações externas utilizadas à noite. Não é mais possível fingir que o problema não existe nem querer desviar a atenção da população com frases que a induzam a acreditar que os astrónomos querem ruas escuras. O que estamos propondo é apenas a uti-

Continua

lização racional das energias eléctrica e luminosa, principalmente porque sabemos que nos lugares onde o problema da poluição luminosa foi tratado com a atenção que merece, as vias públicas ficaram mais visíveis, o ofuscamento foi drasticamente reduzido e uma grande economia foi obtida.

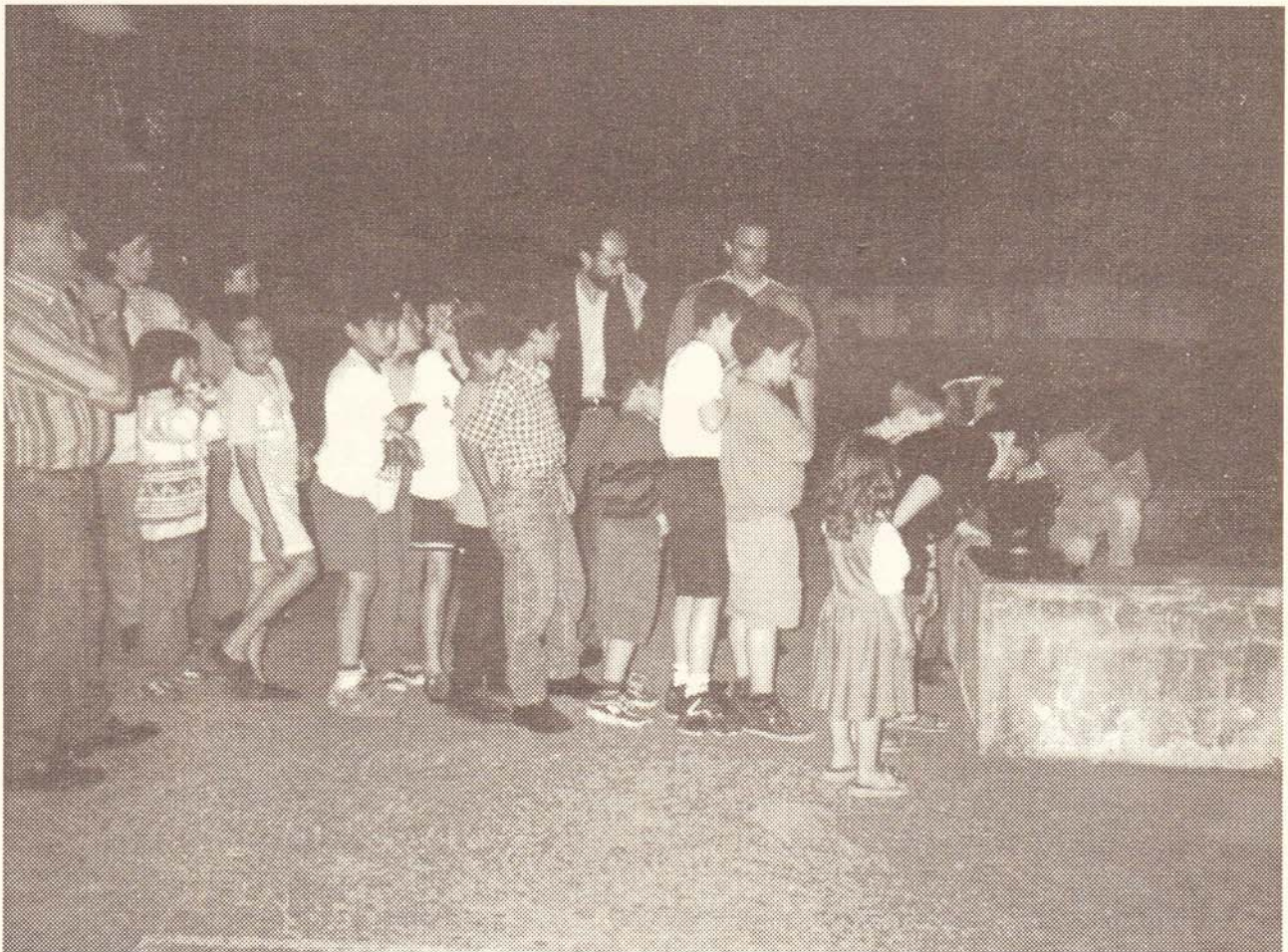
Aos astrónomos só resta tentar consciencializar a população, solicitando o seu apoio. Qualquer pessoa pode ajudar, se não poluir o céu com luz desperdiçada na sua própria residência, se protestar quando sentir o incómodo causado pela poluição luminosa, seja por ofuscamento, invasão de luz para dentro de sua propriedade, ou simplesmente porque não consegue ver o céu, cuja beleza é um direito de todos. Pode, também, orientar alguém sobre o modo correcto de iluminar, evitando, por exemplo, que um campo de jogos de um vizinho deite fora a metade da luz gerada. Por último, ainda pode tentar evitar que os responsáveis pela iluminação pública usem o nosso dinheiro para lançar luz directamente para cima e depois

ainda venham falar em economia ou racionamento de energia, o que significa que é a população, como sempre, quem vai pagar a factura.

Há milhões de pessoas no mundo que começam a compreender que não se pode destruir o Planeta em nome do lucro, como estamos fazendo hoje, sob o risco de nada deixarmos para as futuras gerações. Muitos estão acordando para os novos tempos que se aproximam e, por isso, começam a exigir mais respeito pela Natureza. Estes percebem que pessoas sem escrúpulos estão transformando a Terra num verdadeiro inferno, por motivos puramente egoístas. Se o leitor nada fizer, estará concordando com os destruidores. Portanto, reaja! Junte-se a nós nesta campanha por cidades melhores, bem planeadas, nas quais seja garantido o espaço existencial de cada um.

* Texto adaptado

** Astrónomo amador brasileiro



O Priôlo

Manuela Livro

NOME VULGAR: Priôlo.

NOME CIENTÍFICO: *Pyrrhula murina*.

HABITAT:

O priôlo é uma ave muito rara e que actualmente está limitada à Reserva Natural do Pico da Vara na ilha de S. Miguel, sendo mais facilmente observada na Serra da Tronqueira e vale da Ribeira do Guilherme.

ASPECTO EXTERIOR:

É uma ave muito pequena, com bico pequeno e preto, peito cinzento-amarelado, em ambos os sexos, cabeça preta e com penas pretas nas asas e na cauda.

LOCOMOÇÃO:

Desloca-se principalmente voando. Embora seja uma ave sedentária, o priôlo efectua muitos movimentos locais conforme novas plantas vão dando fruto e produzindo sementes. Estes movimentos são mais notados no Verão do que no Inverno visto que têm de atravessar zonas de floresta densa para atingir clareiras onde crescem herbáceas de que se alimentam. Chegam a fazer deslocações de 3 Km (ao longo das ribeiras para baixas altitudes, em busca de alimento)

ALIMENTAÇÃO:

Alimenta-se, sobretudo, de plantas nativas, como por exemplo: sementes da uva-da-serra (*Vaccinium cylindraceum*), da amora (*Rubus hochstetterorum*), da ginja-do-mato (*Prunus lusitanica spp azorica*), dos botões florais do azevinho (*Ilex perado spp. Azorica*) e dos esporângios e folhas jovens de alguns fetos.

Um dos aspectos mais importantes da sua alimentação é a grande importância que as plantas introduzidas vieram a tomar – o *Polygonum capitatum* (na época da reprodução), a *Leicosteria formosa* (durante a muda das

penas) e a *Clethra arborea* (no Inverno).

REPRODUÇÃO:

Calcula-se que actualmente existam cerca de 100 casais na Reserva Natural do Pico da Vara.

A época da reprodução acontece de meados de Junho ao fim de Agosto.

Os primeiros juvenis (têm a cabeça castanha e não preta) aparecem a voar com os adultos em meados de Julho.

CURIOSIDADES:

- No final do séc. XIX e princípio do séc. XX, o priôlo chegou a ser considerado uma praga em pomares, em especial de laranjei-



Priôlo

ras, por devorar as flores dessas árvores de fruto. Nessa altura foi instituído um prémio por cada cabeça apresentada nos serviços agrícolas. Os colecionadores procuravam o priôlo para o colocar em museus (foram capturados priôlos para museus americanos, ingleses, austríacos e alemães).

- No fim do séc. XIX, uma doença destruiu os pomares de laranjeira e os priôlos foram progressivamente diminuindo e deixando de ser vistos nestas zonas.
- No fim de Setembro e em Outubro os adultos mudam de penas.
- A planta *Polygonum capita-*

Continua →

tum é conhecida no Nordeste, pelos populares, como “erva priôla” supõe-se que pelo facto de esta servir de alimento ao priôlo.

- O ninho do priôlo apresenta duas camadas: a camada exterior, constituída por gravetos de *Clethra arborea* e Urze e a camada interior, constituída por raízes, gravetos muito finos e algum musgo.
- “Nas manhãs frias e húmidas o seu pio triste ecoa monótono pelas ravinas inacessíveis daquela reserva natural...” (in “Ilhas de Azul e Verde” de António Frias Martins, 1998).

COMO SE PODE PROTEGÊ-LO:

.-Protegendo a floresta endémica de altitude na parte Este da ilha de S. Miguel;

.-Recuperando e aumentando a área de floresta natural (porque é dela que depende a alimentação do priôlo), através de plantações;

. Informando os colegas e familiares do que sabemos sobre estas aves.

BIBLIOGRAFIA:

BANNERMAN, D., BANNERAN, D., (1966), **Birds of the Atlantic Islands. A history of the birds of the Azores**, Edinburg, Oliver e Boyd.

CHAVES, F., (1923), “O Priôlo, a ave mais interessante da ilha de S. Miguel”, **Os Açores**, 1 (7): 1-6.

LE GRAND, G., (1982), “Priôlo, a ave mais interessante de S. Miguel”, **Açoreana**, 6 : 195-211.

MARTINS, R., RODRIGUES, A., CUNHA, R., (2002), **Aves Nativas dos Açores**, Mirandela, João Azevedo Editor.

RAMOS, J., (1995), **O Priôlo e a floresta natural de altitude**, Nordeste, Câmara Municipal de Nordeste

RAMOS, J.; NUNES, M., (2002), “Priôlo em Perigo”, **Pardela**, nº 16:12-13



A Gruta do Carvão

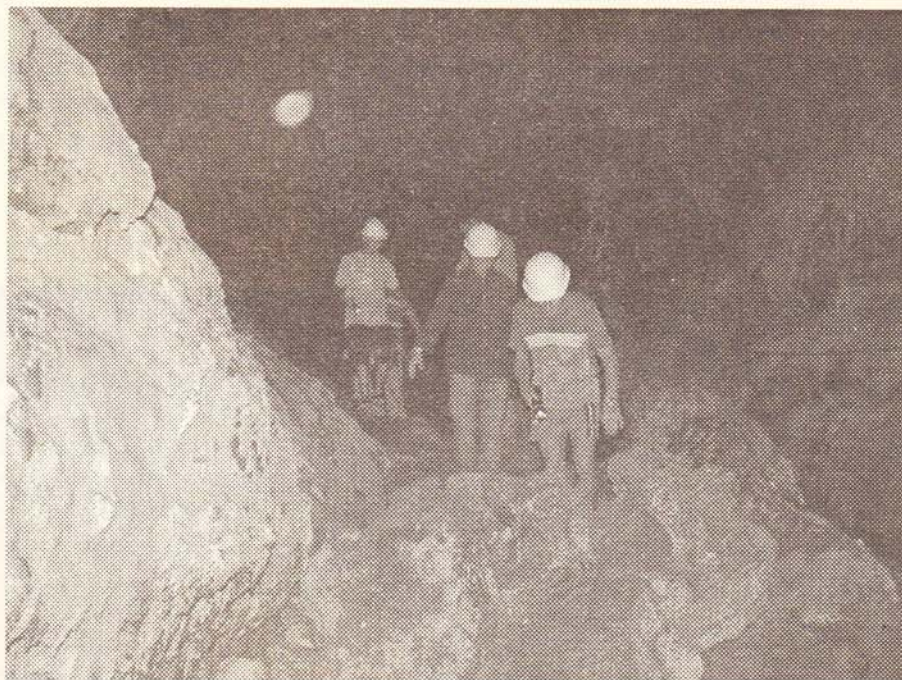
Teófilo Braga

Em Setembro de 2002, com o apoio da Secretaria Regional do Ambiente, uma delegação dos Amigos dos Açores participou, na Islândia, no “X th International Symposium on Volcanospeleology”, onde apresentou alguns dos trabalhos desenvolvidos pela Associação, designadamente o IPEA- Inventário do Património Espeleológico dos Açores, a Base de Dados das Cavidades Vulcânicas dos Açores” e “A Gruta do Carvão Como Recurso Educacional”.

Conhecida desde o século XVI, a Gruta do Carvão é o maior tubo lávico da ilha de São Miguel e um dos mais importantes do arquipélago, com cerca de 5 km de extensão, tendo já sido explorados, pelos Amigos dos Açores, aproximadamente 1650 m. A Gruta do Carvão possui uma altura média na ordem dos 2 a 3 metros, havendo locais onde esta ultrapassa os 5 metros, e a sua largura é muito variável, atingindo valores superiores a 10 metros.

A Gruta do Carvão, sobretudo o troço compreendido entre os antigos Secadores da Fábrica de Tabaco Micaelense e a Avenida Antero de Quental, tem sido muito visitada por espeleólogos nacionais e internacionais. Por decisão da Direcção dos Amigos dos Açores e do seu Grupo de Trabalho de Espeleologia, deixaram de ser feitas visitas guiadas para turistas, enquanto não forem criadas as condições para que tal possa ser realizado com alguma dignidade e apenas se mantêm visitas, com carácter pedagógico- didáctico, destinadas sobretudo a grupos escolares.

O número de alunos dos mais diversos graus de ensino e das mais diversas escolas da ilha, do continente português e das comunidades de emigrantes tem vindo a crescer de tal modo que a associação tem tido dificuldade em satisfazer as solicitações, encontrando-se em estudo uma proposta de regulamento para as visitas de estudo de forma a limitar o seu número. A título de exemplo, refira-se que, no ano de 2001, 177 pessoas participaram nas cinco visi-



tas realizadas e que, apenas no primeiro semestre deste ano, realizaram-se dez visitas, com um total de 334 participantes.

Pela sua localização, dimensões e estruturas vulcânicas, a Gruta do Carvão é a que maiores potencialidades turísticas e didácticas apresenta nos Açores.

Da sua riqueza natural, destacamos as estruturas conhecidas como “bolhas de gás” que são sectores da parede da gruta que “rebertaram” sob

Continua

acção de gases acumulados no seu interior, as inúmeras estalactites, quer primárias (lávicas e em geral de forma cónica e superfície lisa), que resultam da solidificação de pingos de lava, quer secundárias, resultantes de fenómenos de alteração e deposição a partir das águas de escorrência que se infiltraram na gruta. Para além do referido, importa registar a presença de longos troços de balcões (ou bancadas) nas paredes da gruta, testemunho de antigos níveis de lava fluida que percorreram o interior do túnel, bem como a existências de lajes, morfologias do tipo *aa*, lava encordoada e injeções de lava muito fluida em zonas mais escoriáceas (tipo *clinker*).

Em 1994, no Primeiro Encontro das Instituições Museológicas dos Açores, realizado no Museu Carlos Machado, em Ponta Delgada, foi apresentada por João Paulo Constância, João Carlos Nunes e Teófilo Braga uma Proposta de Intervenção Museológica na Gruta do Carvão, cujo objectivo passava pela sua classificação jurídica e pela sua abertura ao público, assente num programa de intervenção museoló-

gica. Deste, faz parte a criação de um espaço expositivo exterior, que, localizado junto a uma entrada da gruta, inicie a visita, constituindo um centro de interpretação da temática vulcanológica e servindo de ponto de partida a diversas acções de dinamização pedagógica, de ocupação dos tempos livres e pólo de atracção turística.

Todo este potencial científico, turístico e educativo continua à espera que as mais diversas entidades, nomeadamente Governo Regional dos Açores e Câmara Municipal de Ponta Delgada, intervenham no sentido da sua recuperação e valorização.

Bibliografia:

CONSTÂNCIA, J., NUNES, J., BRAGA, T., (1997), **Proposta de Intervenção Museológica na Gruta do Carvão, Ilha de São Miguel**, Ponta Delgada, Amigos dos Açores.



Percurso Pedestre (1)

Serra do Topo - Fajã de Santo Cristo - Fajã dos Cubres (São Jorge)

A ilha de S. Jorge, localizada a cerca de 180 Km para Leste da Crista Médio, apresenta um alongamento geral segundo uma direcção WNW-ESSE, com um comprimento máximo de 55 Km e uma largura máxima de 7 Km.

Do ponto de vista morfológico, S. Jorge apresenta duas zonas distintas, separadas, grosso modo, pelo vale de Ribeira Seca: (1) a Zona Oeste, mais jovem, é caracterizada por várias dezenas de cones vulcânicos recentes e escoadas lávicas associadas, que conferem a esta região uma morfologia mais acidentada e de formas frescas e melhor conservadas, (2) a Zona Leste, geologicamente mais antiga (idade inferior a 600 000 anos), apresenta formas mais suavizadas.

Foi na metade oriental que se desenvolveram os principais depósitos de vertentes que estão presentes em grande parte do litoral, constituindo as conhecidas "fajãs" detríticas (ou de talude) de S. Jorge, como é o caso, entre tantas outras, das Fajãs de S. João, Vimes, Cubres e da Caldeira do Santo Cristo.

Características do Percurso:

Início do percurso pedestre: na estrada do Topo, a leste do Piquinho da Urze (muito próximo do Parque Eólico de São Jorge)

Extensão: 10,5 km (aprox)

Duração média: 3h

Desnível acumulado - - 245 m

Grau de dificuldade: médio (nível II, numa escala de 1 a 3)

Forma - Linear

Fim do percurso - Fajã dos Cubres

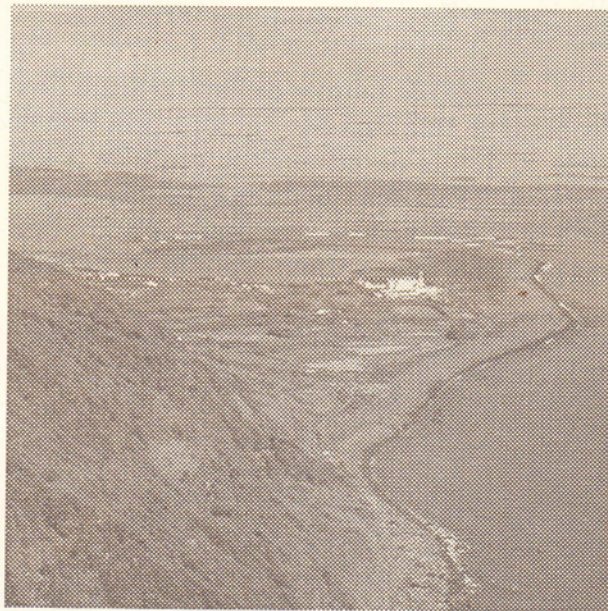
O PERCURSO

O percurso começa a muito pouca distância, a Leste do Piquinho da Urze (711 m), sobre a Fajã dos Vimes, sensivelmente a meia distância entre a ribeira dos Vimes e a do Capadinho.

O Piquinho da Urze apresenta a sua morfologia bastante alterada, pois encontra-se na


zona geologicamente mais antiga da ilha, onde a erosão teve mais tempo para fazer sentir os seus efeitos.

Muito perto do início do percurso pedestre, localiza-se o Parque Eólico de São Jorge, que na altura da sua entrada em funcionamento, em 1991, possuía quatro aerogeradores com uma potência instalada de 400 kW. Com a sua implementação pretendia-se, por um lado, aproveitar os recursos endógenos da ilha e, por outro lado, conseguir uma maior autonomia energética e assim poupar no consumo de combustível.



Na descida, antes de se chegar à conhecida Fajã da Caldeira de Santo Cristo, passa-se pela Caldeira de Cima. Nesta povoação, que foi habitada até 1980, ainda é possível vermos algumas casas e ruínas de alguns dos sete moinhos que chegaram a existir ao longo da ribeira.

Depois de se atravessar a ponte, datada de 1967, existente na Caldeira de Cima, continua-se a descer até à Caldeira de Santo Cristo. Aqui, a arriba apresenta uma altitude que varia entre os 750 a 800 m. Foram os materiais caídos da arriba, que depois de trabalhados pelo mar, formaram cordões de cascalheiras de praia que limitam a laguna.

Continua 

A lagoa da Fajã da Caldeira é aproximadamente triangular, possui uma área que se aproxima de 1 km² e é o único local do arquipélago onde se encontram ameijoas comestíveis (*Venerupis decussatus*).

Das plantas existentes nesta fajã, destacamos pela sua abundância as seguintes: o aloé (*Aloe arborescens*), a babosa (*Opuntia ficus-barbarica*), a figueira (*Ficus carica*), a salsa-burra (*Daucus carota*), o perrexil (*Crithmum maritimum*), a beterraba-marinha (*Beta vulgaris maritima*), o espinafre da ova Zelândia (*Tetragonia tetragonioides*) e a corriola (*Convolvus arvensis*).

No início do século XX, existiam na fajã de 70 a 80 fogos, no final da década de 90 do século passado a maioria dos edifícios existentes estava desocupada, notando-se alguma degradação. Na altura do sismo de 1 de Janeiro de 1980, existiam 35 fogos habitados por 90 pessoas.

Depois de sairmos da Fajã do Santo Cristo, passa-se pela Fajã dos Tijolos e pela Fajã do Belo e, depois de percorridos cerca de 3 km, chega-se à Fajã dos Cubres que, tal como aquela, teve origem num enorme desabamento de terras resultante de um sismo ocorrido a 9 de Julho

de 1757, o mais violento sismo ocorrido nos Açores.

O nome desta fajã deve-se à abundância de Cubres (*Solidago sempervirens*), planta costeira de pequenas flores amarelas oriunda da costa oriental da América do Norte que, hoje, se encontra naturalizada em todas as ilhas.

A lagoa da Fajã dos Cubres possui uma forma irregular, com quatro pequenos ilhéus e sofre a acção das marés por difusão de água salgada através da barreira exterior de calhau.

Das plantas existentes nesta fajã destacamos: o junco-agudo (*Juncus acutus*), em quase toda a margem da lagoa, a salsa-burra (*Daucus carota*) e a erva-leiteira (*Euphorbia azorica*), esta última endémica dos Açores. A presença da erva estuarina *Ruppia maritima* na lagoa da fajã dos Cubres é de grande importância, porque, até há bem pouco tempo, este era o único local conhecido dos Açores onde ela existia.

Nesta fajã podemos observar algumas aves com destaque para o Cagarro (*Calonectris diomedea borealis*), a narceja (*Gallinago gallinago*), a gaivota (*Larus cachinnans atlantis*); e o garajau-comum (*Sterna hirundo*).



Percurso Pedestre ao Pico da Vara

Sandra Ponte *

No passado dia 30 de Julho de 2002, um grupo de onze pessoas, entre elas quatro jovens do OTL e duas crianças, realizou um percurso pedestre com o objectivo de melhor conhecer o património natural da Reserva Natural do Pico da Vara e verificar a sinalização do trilho pedestre que começa na Algarvia e termina no Salto do Cavalo.

A Reserva do Pico da Vara localiza-se na região oriental da ilha de São Miguel, possuindo um relevo montanhoso, recortado por profundas ravinas.

No que se refere ao seu clima, esta região tem um clima temperado oceânico, super-húmido e chuvoso.

Nesta área predomina o louro e o cedro e existem cerca de 80% de todas as plantas endé-

micas dos Açores como o azevinho, o canicão, o cedro do mato, a urze e a uva da serra.

Quanto à sua fauna é de salientar a presença do priôlo, uma das espécies mais raras, o que faz dela uma relíquia do património natural dos Açores. Este alimenta-se de azevinho, uva da serra, ginja do mato e fetos, razão para a sua presença no Pico da Vara, uma vez que estas plantas se desenvolvem nesta área.

Ainda podemos observar neste local outras espécies como o mocho, o pombo torcaz, milhafre e o pintassilgo; pode-se dizer que é uma das raras zonas de São Miguel de nidificação da narceja e da galinhola. O morcego, o ouriço cacheiro, a doninha e coelho bravo marcam a sua presença aqui, como também doze espécies de moluscos e três espécies de lepidópteros endémicos da ilha.



Para além das suas espécies e da sua beleza natural, o Pico da Vara é conhecido pelo trágico acidente que aconteceu a 27 de Outubro de 1949, o despenhamento de uma avião da Air France que vitimou muitas pessoas. Ao realizarmos o percurso encontrámos uma cruz que regista este acontecimento.

Pelo que se disse anteriormente, vemos que esta Reserva é uma área com muita vegetação, onde podemos estar em contacto com a

natureza e seus habitantes. Deve-se destacar ainda que, ao chegar ao cimo do Pico, depará-mos com uma magnífica e esplêndida vista.

É pelas suas características únicas que este sítio, o Pico da Vara, é um ponto turístico de elevado interesse, razão pela qual deve haver um cuidado especial com a sua conservação.

* OTLJ- 2002, Ecoteca da Ribeira Grande

Percurso Pedestre “Sete Cidades — Mosteiros”

No dia 26 de Julho de 2002, sete pessoas, entre elas o OTLJ do Centro de Interpretação do Ambiente das Sete Cidades e um elemento do OTLJ dos Amigos dos Açores, realizou um Percorso Pedestre tendo como ponto de partida a Igreja das Sete Cidades e finalidade chegar às Poças, nos Mosteiros, passando pelo túnel e pelo Pico de Mafra.

Ao iniciarmos o percurso, não podemos deixar de notar a bonita Igreja das Sete Cidades cuja construção teve início nos primeiros meses do ano de 1850 e foi inaugurada e benzida no dia 16 de Agosto de 1957, estando ainda hoje ao serviço dos mais de 800 habitantes da freguesia.

Percorrendo o túnel, com o canal de fixação do nível da água da Lagoa das Sete Cidades, verificamos que este liga a lagoa à grota do Alqueive, que corre em direcção aos Mosteiros. Com a sua construção e inauguração a 30 de Dezembro de 1937, deu-se por findo um longo período de desgraça e a desolação que, ciclicamente, atingia os habitantes do povoado, sempre que as águas da lagoa subiam. O túnel das Sete Cidades desenvolve-se numa extensão de 1200 metros, a sua secção transversal tem 1,6 metros de largura e 1,6 metros de pé direito, ficando com 2,4 metros de altura máxima, no fecho da abóbada.

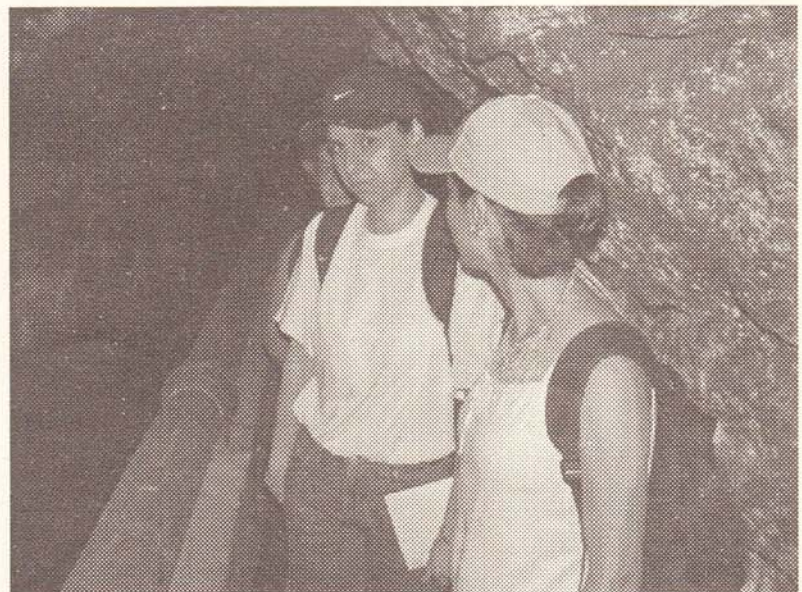
No que diz respeito ao Pico de Mafra, localiza-se na freguesia dos Mosteiros uma das vinte e duas que constituem o concelho de Ponta

Delgada. O Pico de Mafra é um cone strombiliano basáltico, cujas escoadas deram origem à fajã ou delta lávico dos Mosteiros.

Ao chegarmos aos Mosteiros, não podemos deixar de referir a Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Conceição, aqui localizada, construída em diversas etapas, que remonta ao início do século XVII. Em frente à Igreja, localiza-se a Escola do Primeiro Ciclo do Ensino Básica Comandante Ângelo José Dias.

O percurso terminou nas Poças dos Mosteiros. Estas são piscinas naturais talhadas nas lavas que formam esta plataforma rochosa basáltica.

Sónia Elizabeth (OTLJ 2002,
Amigos dos Açores)



Interior do Túnel das Sete Cidades

Percursos Pedestres, Nicho Importante do Turismo na Madeira

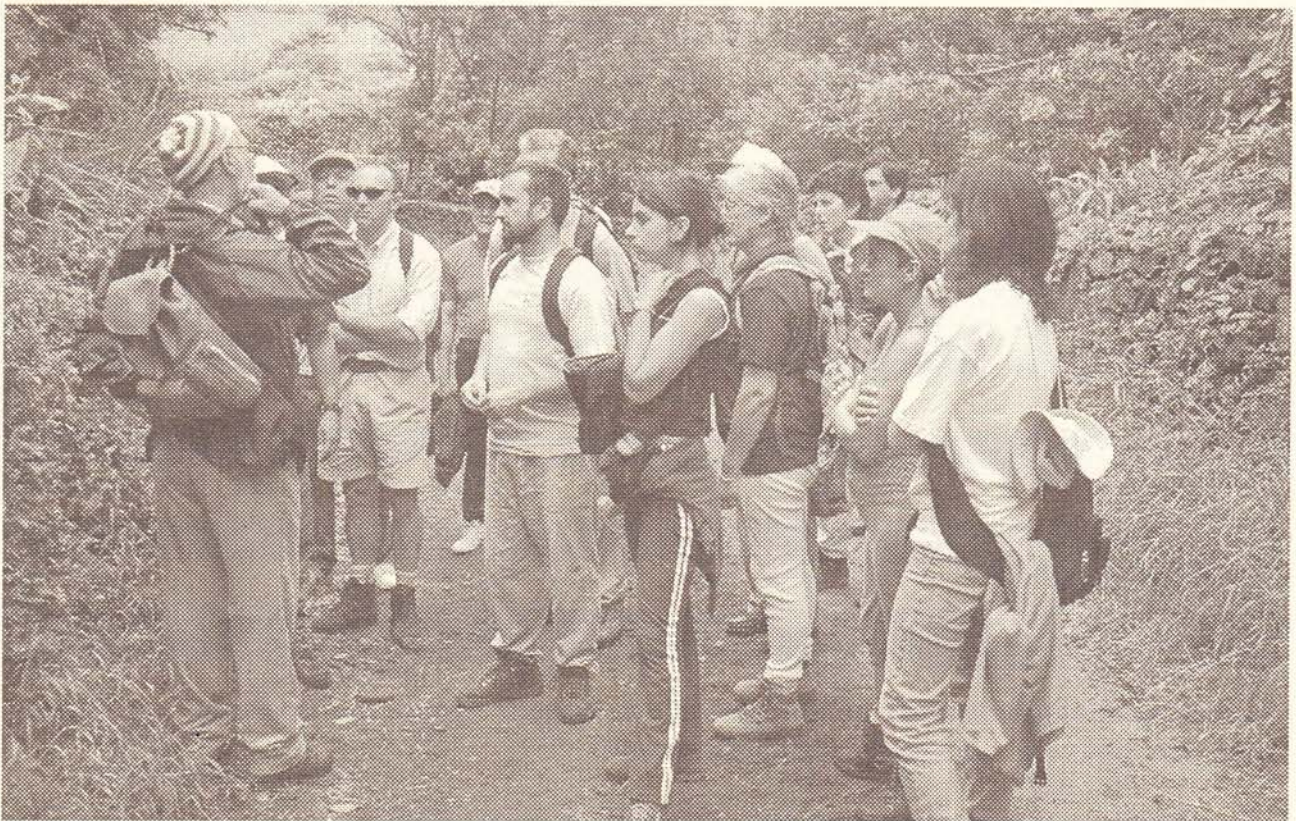
Em cumprimento do estipulado na alínea i) do contrato-programa celebrado entre os Amigos dos Açores- Associação Ecológica e a Secretaria Regional da Economia (C/SER/2000/2), esta associação promoveu, no passado dia 5 de Julho, uma conferência intitulada "Percursos Pedestres, Nicho Importante do Turismo na Madeira", proferida pelo Dr. Raimundo Quintal, ex- vereador do Pelouro do Ambiente, Educação e Ciência da Câmara Municipal do Funchal, autor e realizador de diversos documentários sobre património natural e cultural produzidos pela RTP- Madeira e autor do livro "Levadas e Veredas da Madeira", o qual encontra-se editado em Espanhol, Sueco, Holandês e Finlandês.

Na sua importante intervenção, o Dr. Raimundo Quintal, para além de apresentar a sua experiência e o trabalho desenvolvido em prol do fomento do pedestrianismo, quer como dirigente associativo, quer como vereador da Câmara Municipal do Funchal, falou no Decreto Legislativo Regional nº 7-B/2000/M, que estabelece os percursos pedonais recomendados

na Região Autónoma da Madeira, na sinalização usada naquela região autónoma e, ainda, nas publicações destinadas a divulgar os percursos existentes, nomeadamente o mapa dos percursos pedestres existentes no Parque Ecológico do Funchal .

No dia 6 de Julho, tal como estava previsto, o Dr. Raimundo Quintal acompanhou os 22 participantes num percurso pedestre efectuado na zona da Ribeirinha. Dado o seu conhecimento da ilha e da flora, durante o percurso os participantes foram alertados para a presença de diversas espécies exóticas, algumas das suas características e usos.

No dia 7 de Julho, na companhia do presidente da Direcção dos Amigos dos Açores, o Dr. Raimundo Quintal visitou parte do percurso pedestre, cujo trilho passa na margem da Lagoa das Furnas, bem como a propriedade onde está implantada a Ermida de Nossa Senhora das Vitórias, tendo procedido à identificação de algumas espécies da flora existente no local.



Publicações e Materiais para Venda

LIVROS	PREÇO	Nº	Valor
Grutas, Algares e Vulcões	5,00 €		
Lagoas e Lagoeiros da Ilha de São Miguel	7,50 €		
Lagoas e Lagoeiros da Ilha de Ponta Delgada	7,50 €		
Paisagens Vulcânicas	5,00 €		
Borboletas Nocturnas dos Açores	2,50 €		
Moinhos da Ribeira Grande	2,50 €		
BROCHURAS			
Percurso Pedestre da Ribeirinha	1,00 €		
Percurso Pedestre do Salto do Cabrito	1,00 €		
Percurso Pedestre da Serra Devassa	1,00 €		
Percurso Pedestre do Pico da Vela	1,00 €		
Percurso Pedestre das Três Lagoas	1,00 €		
Percurso Pedestre Praia- Lagoa do Fogo	1,00 €		
Percurso Pedestre Pinhal da Paz	1,00 €		
Percurso Pedestre do Sanguinho	1,00 €		
Percurso Pedestre das Sete Cidades	1,00 €		
Percurso Pedestre das Quatro Fábricas da Luz	1,00 €		
Percurso Pedestre da Ponta da Madrugada	1,00 €		
Percurso Pedestre da Fajã do Calhau	1,00 €		
Percurso Pedestre das Furnas	1,00 €		
OUTROS MATERIAIS			
T-Shirt "Salvemos o Pombo Torcaz"	3,00 €		
T-Shirt "Golfinhos"	4,00 €		
T- Shirt "Amigos dos Açores"	5,00 €		
Bonés "Amigos dos Açores"	2,00 €		
Casacos para Protecção da Chuva	10,00 €		
Sweat- shirt "Amigos dos Açores"	12,50 €		
TOTAL			

Formulário de Encomenda

Por favor envie as quantidades acima assinaladas para o endereço:

Nome

Rua e nº

Código Postal

Nota: todos os pedidos deverão ser acompanhados do respectivo pagamento em cheque ou vale postal. Para o estrangeiro ao valor total deverá acrescentado 2 €

AMIGOS DOS AÇORES- Avenida da Paz,14 9600-053 PICO DA PEDRA

Telefones - 296498770/296498774 Fax - 296498770 E-mail - mop88258@mail.telepac.pt

Novos Sócios

Os AMIGOS DOS AÇORES são uma associação regional de defesa do ambiente, independente do poder político-económico e apartidária, que vem, desde 1985, trabalhando ininterruptamente a favor da conservação da maior riqueza dos Açores: o seu património natural.

Mas uma associação como esta, para desempenhar ainda melhor o seu papel, tem de continuar a aumentar a sua principal base de apoio: os seus associados.

Porque é fundamental contribuir para a garantia da existência de uma voz independente e firme na defesa do ambiente nos Açores, vimos convidá-lo(a) a aderir aos Amigos dos Açores, para tal basta preencher a ficha que junto enviamos e devolvê-la para:

AMIGOS DOS AÇORES
Avenida da Paz, 14
9600-053 PICO DA PEDRA

BOLETIM DE INSCRIÇÃO

SÓCIO Nº _____ QUOTA ANUAL: 10 € _____ Outro valor _____ €
(quota anual + donativo)
NOME _____
MORADA _____
LOCALIDADE _____ CÓDIGO POSTAL _____
TELEFONE _____ PROFISSÃO _____
DATA DE NASCIMENTO ____/____/____ EMAIL _____
TIPO DE COLABORAÇÃO _____
DATA ____/____/____ ASSINATURA _____

• A associação passará recibo, como donativo, do contributo acima de 10 Euros, o qual poderá ser deduzido à colecta do ano para efeitos de IRS.

AO BANCO _____
Agência de _____

_____, ____ de _____ de _____

Exmos.Senhores,

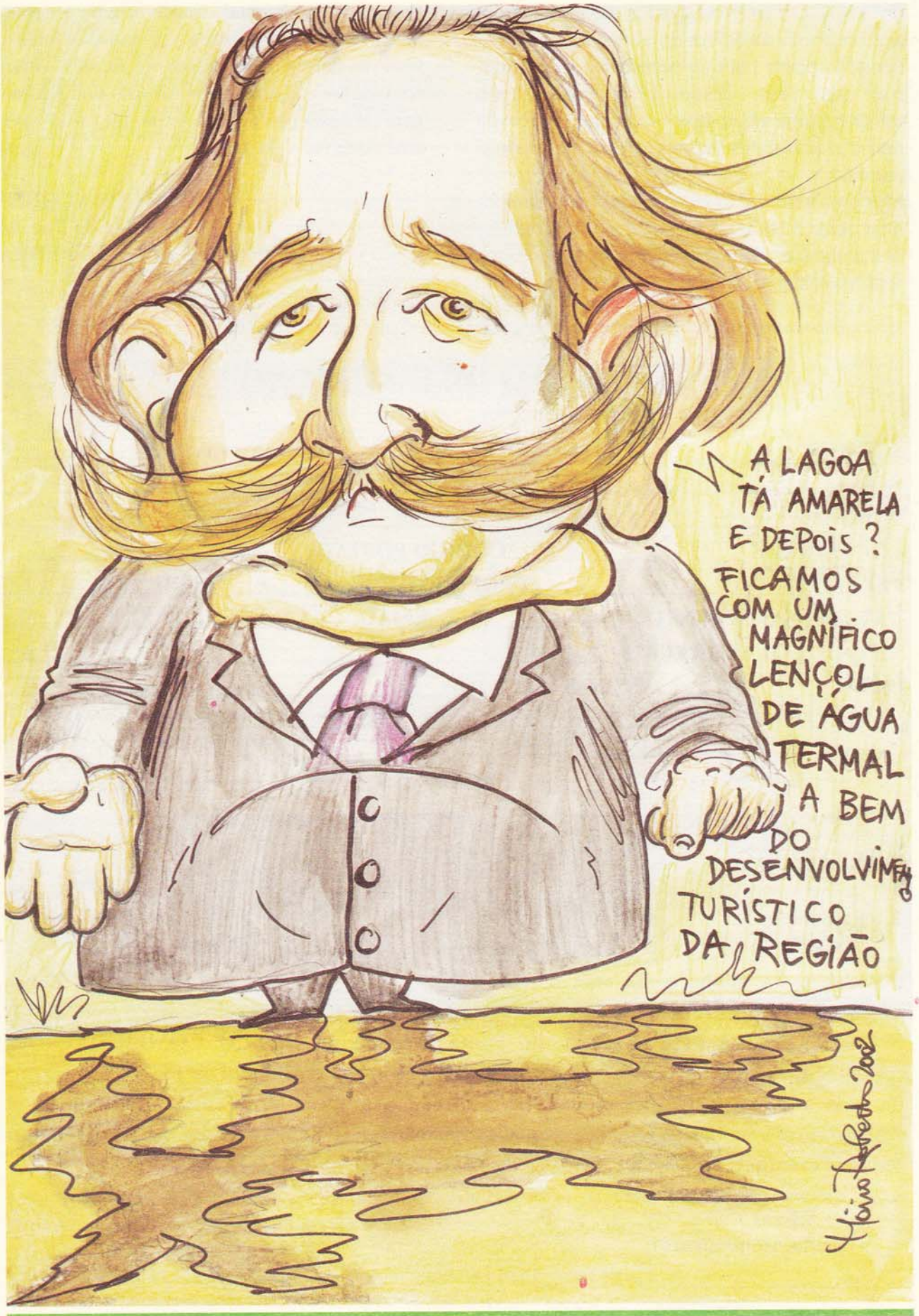
Por débito na minha conta com o NIB _____ nesse Banco, solicito que transfiram para crédito da conta dos AMIGOS DOS AÇORES com o NIB 001200009399438830116 (Agência de Ponta Delgada do BANCO COMERCIAL DOS AÇORES), a importância de _____, ____ €, no primeiro dia útil de _____ de cada ano, até instruções minhas em contrário. Agradeço ainda que, ao efectuarem as transferências, indiquem sempre o nome completo e morada do ordenante. Esta ordem anula todas as eventuais anteriores.

De V.Exas.
Muito Atentamente

(nome complet.º)

(assinatura idêntica à existente no Banco)

HUMOR VERDE



A LAGOA
TÁ AMARELA
E DEPOIS ?
FICAMOS
COM UM
MAGNIFICO
LENÇOL
DE ÁGUA
TERMAL
A BEM
DO
DESENVOLVIMENTO
TURÍSTICO
DA REGIÃO

Hino Roberto 2002